

a presença deliberada da imundície, que alguns pornógrafos compartilham como toque final de irreverência, o que também aparece na missa de Huysmans: "Outra [mulher], deitada de costas e esperneando-se, abriu as vestes e revelou um enorme ventre dilatado; seu rosto contorceu-se formando uma careta horrível, e a língua, que ela não conseguia controlar, mostrou-se inteira, mordida nas bordas, lacerada pelos dentes vermelhos de uma boca sangrenta". Acredita-se que a feiúra impere no domínio dos demônios. Mas sente-se um quê de contradição no relato de Huysmans. Tanta coisa feia e desagradável dificilmente faria daquela missa algo pecaminoso, pois quem desejaria testemunhar algo tão nauseante? Assim, ele tem o cuidado de mencionar a presença também de mulheres bonitas, "morenas belas como Juno", e até mesmo uma grotinha. Com isso, revela o paradoxal absurdo do satanismo. O elemento que torna atraente a missa negra é o sexo, entendido como algo perfeitamente normal, pagão e saudável. A mola propulsora que há por trás é a inevitável repressão sexual de toda civilização, onde o tempo livre permite que todos devaneiem sobre sexo. As velhas feiosas de línguas mordidas são uma tentativa de dissimular essa verdade. Apenas vinte anos após *Là Bas*, D. H. Lawrence minava os fundamentos desse tipo de diabolismo pueril, afirmando que o sexo é uma atividade liberadora — (o pênis é "a haste que liga o homem às estrelas"). Em seguida ao ato sexual, um casal saudável deve sentir algo como uma "sensação oceânica" que caracteriza o misticismo, e essa sensação representa uma intuição do divino, não do demoníaco. Se os satanistas de Huysmans possuíssem poderes de auto-observação, notariam que viviam uma sensação de alívio, de "consciência cósmica" após suas orgias, e que isso é incoerente com a defesa do diabolismo. O diabolismo é uma antítese artificial, provocada pelo fanatismo e pela frustração — e não uma legítima expressão de revolta do homem contra o divino.

Tal conclusão é assinalada pela fraqueza e imaturidade que Huysmans revela em seu auto-retrato como Durtal. Seus problemas surgem a partir do tédio, da inatividade. É o tédio que o faz arrastar-se para um estado de paixão romântica, quando recebe as cartas da desconhecida. Ao descobrir que se trata de uma anfitriã da sociedade que ele já conhece, sente uma mistura de frustração e prazer: frustração porque Hyacinthe é menos sedutora do que sua imaginária "desconhecida", prazer porque, afinal de contas, ela é bastante desejável sexualmente. Quando ela se nega a ceder, começa a desejá-la desvairadamente. Seu momento de maior prazer ocorre quando ela o beija com o marido no aposento ao lado. Assim que ela se rende, ele se revolta, e na manhã seguinte ao deprimente adultério, fica pensativo, suspirando pela castidade. Como desculpa para não mais se deitar com ela, diz-lhe que possui uma amante e um filho doente, comovendo-se de tal forma com a própria mentira que chega quase às lágrimas. Durtal é mais um na extensa lista de heróis fracos da literatura francesa: Obermann, o Adolfo de Constant, Julien de Stendhal, Rubempré de Balzac. O único senão é que Huysmans não tinha consciência disso; ele acredita que os tormentos de Durtal — que finalmente o conduzem

de volta à Igreja em *La Cathédrale* — representam as agonias da sensibilidade e da inteligência, não da simples autocomiseração e falta de penitência.

Deti-me em *Là Bas* porque assim é possível compreender a grande "guerra mágica" entre Boullan e Guaita, com tudo o que ela realmente tem de fútil e mesmo tolo. O abade Boullan morreu em 3 de janeiro de 1893, aos 69 anos, um dia após escrever uma carta pressagiosa a Huysmans. "Às três horas acordei com falta de ar (...) Das três às três e meia estive entre a vida e a morte". Os algarismos 8, 9 e 3, presentes no número do ano em que estavam, traziam o mal — disse ele. Mme. Thibault, que mais tarde se tornaria governanta de Huysmans, escreveu a ele no mesmo dia informando que após o jantar Boullan sofrera violentos ataques de falta de ar, morrendo subitamente. Parece bastante claro que tenha sido angina do peito e ataque cardíaco — não era o primeiro. Mas Huysmans imediatamente resolveu que os rosacruz estavam matado Boullan com seus feitiços, e os acusou em cartas aos jornais. Guaita e Wirth declararam firmemente que jamais houvera qualquer tipo de feitiço — sem dúvida, falando a verdade. Guaita participou de um duelo contra Bois, amigo de Huysmans, porque Bois também o acusara, mas ninguém saiu ferido. O cavalo que conduziu Bois estacou a meio caminho, tremendo — evidentemente sentindo por telepatia o medo do cavaleiro —, e sua pistola negou fogo. Naturalmente, ele atribuiu os dois incidentes à magia de Guaita. Dubus, o poeta rosacruz, falou de boca cheia que fora sua magia a responsável pela morte de Boullan; mas ele mesmo faleceu pouco depois, após informar a Huysmans que era perseguido por vezes. Guaita morreu em 1898, com a ingestão de elevada dose de drogas.

Pode-se duvidar de que qualquer um deles tenha efetivamente tentado matar alguém através de feitiços. Se, como diz Baldick, Guaita contava apenas 27 anos ao morrer, em 1898, então tinha só 15 quando ele e Wirth extraíram de Boullan os segredos da União com a Vida, em 1886; parece mais uma brincadeira de adolescente do que uma planejada manifestação de rancor. Pode ser que Huysmans tenha atirado lenha à fogueira com o romance, mas como não há um ataque direto aos rosacruz, o livro não pode ter provocado toda a diferença. Se a "guerra mágica" apressou a morte de Boullan, foi porque ele se exasperou muito com ela. De qualquer forma, é de se duvidar que Guaita ou qualquer outro membro do grupo rosacruz possuísse a vitalidade nervosa necessária para projetar o mal telepaticamente, à maneira que John Cowper Powys acreditava possuir.*

* O *Daily Express*, de 22 de julho de 1970, noticia o suicídio de um jardineiro de 35 anos que se convencera de que uma ex-namorada o enfeitiçara. O depoimento da senhora do homem: "— Cerca de um ano e meio atrás, ele foi apresentado a uma garota que estava envolvida em magia negra. Saíram juntos durante uma semana, e ela lhe disse que pertencia a um culto e que matara três homens. Disse ainda que era capaz de enfeitiçá-lo. Eu falei para ele desistir da moça, o que ele fez. — (...) O Sr. Harrington começou a remoer pensamentos, e passou seis semanas hospitalizado, recebendo tratamento para os